



José Valdir Teixeira Braga Filho*
Ana Karoliny da Costa**

RESUMO

O presente ensaio se debruça sobre a filosofia de Manfredo de Oliveira (1941), buscando identificar os elementos que o singularizam como um pensador latino-americano. O objetivo desta análise reside em investigar a influência do contexto político, cultural e geográfico do Sul global na conformação de seu pensamento filosófico, explorando como sua trajetória e vivências se entrelaçam com as questões que permeiam sua obra. Nossa hipótese é que a experiência de um intelectual brasileiro, com uma formação que transita entre o local e o global, e imerso em uma realidade marcada por desigualdades sociais imprime em sua filosofia uma perspectiva crítica que busca a emancipação da lógica de dominação. A justificativa para esta investigação reside na necessidade de reconhecer e valorizar as contribuições originais de pensadores do Sul global para o campo da filosofia. Para tanto, este ensaio desenvolverá a relação entre o lugar de origem de Manfredo de Oliveira e a gênese de seu fazer filosófico, rastreando as influências de sua trajetória formativa e do contexto cultural brasileiro em suas ideias. Em seguida, apresenta a exposição de alguns problemas filosóficos centrais por ele tratados, com o intuito de identificar as marcas de sua perspectiva latino-americana. Por fim, espera-se apresentar a originalidade de seu pensamento e sua relevância para a filosofia em sentido amplo.

Palavras-chave: Alienação. Emancipação. Racionalidade. Alteridade. Filosofia latino-americana.

Manfredo de Oliveira's emancipatory philosophy in Latin America: a radical critique of domination

ABSTRACT

This essay focuses on the philosophy of Manfredo de Oliveira (1941), seeking to identify the elements that singularize him as a Latin American thinker. The objective of this analysis is to investigate the influence of the political, cultural, and geographical context of the Global South on the shaping of his philosophical thought, exploring how his trajectory and experiences intertwine with the questions that permeate his work. Our hypothesis is that the experience of a Brazilian intellectual, with a formation that moves between the local and the global, and immersed in a reality marked by social inequalities, imprints upon his philosophy a critical perspective that seeks emancipation from the logic of domination. The justification for this investigation lies in the necessity of recognizing and valuing the original contributions of thinkers from the Global South to the field of philosophy. To this end, this essay will develop the relationship between Manfredo de Oliveira's place of origin and the genesis of his philosophical endeavor, tracing the influences of his formative trajectory and the Brazilian cultural context on his ideas. Following that, it presents the exposition of some central philosophical problems addressed by him, with the aim of identifying the marks of his Latin American perspective. Finally, it is hoped to present the originality of his thought and its relevance to philosophy in a broad sense.

Keywords: Alienation. Emancipation. Rationality. Otherness. Latin American Philosophy.

A filosofia emancipadora de Manfredo de Oliveira na América Latina: crítica radical à dominação

Kairós: Revista Acadêmica
da Prainha

ISSN: 1807-5096

e-ISSN: 2357-9420

Fortaleza,

v. 21, n. 1, 2025

* Doutorando em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: valdirdrummer@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2034368895205414>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3606-3655>.

** Mestra em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: karoliny.costa@aluno.uece.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0076145982662266>.

1 Considerações preliminares

Se tempo e território são dados que não podem ser sumariamente desconsiderados ao interpretar uma filosofia, que elementos distinguem Manfredo de Oliveira (1941) como um pensador latino-americano? Tal questão enseja uma perspectiva interpretativa que pode contribuir para revelar um aspecto certamente relevante para compreender a sua obra, mas que parece estar presente de modo sutil. Em outras palavras, trata-se de questionar em que medida o contexto político e cultural do sul global influenciou na sua forma de pensar. Em vista de tal objetivo, este ensaio consistirá numa tentativa de compreender como, em Manfredo de Oliveira, se desenha a trama da relação entre seu lugar de origem e o seu fazer filosófico, seguida de uma exposição dos problemas filosóficos por ele tratados. A conclusão anseia apresentar a originalidade do pensamento de Manfredo de Oliveira, e, portanto, a sua contribuição para a filosofia em sentido amplo. Tal procedimento também possibilita refletir sobre os desdobramentos de ser um pensador autoral – sobretudo brasileiro – numa disciplina predominantemente europeia.

2 Desenvolvimento

A trajetória formativa de Manfredo de Oliveira começa ainda na sua cidade natal, Limoeiro do Norte, e culmina no continente europeu, passando pela Itália e pela Alemanha. Retorna ao Brasil em 1972 para lecionar na Universidade Federal do Ceará. Em entrevista, afirmou que um dos elementos do seu pensamento consiste na concepção de *historicidade* das suas pesquisas da filosofia alemã – de um lado, da filosofia heideggeriana e por outro, pelos pensadores frankfurtianos (Oliveira, 1994, p. 19). E quando questionado sobre o choque cultural de viver em um país tão distante, revela ter adotado a atitude de se “abrir e ser capaz de acolher o que é bom” (Oliveira, 1994, p. 22). Esta atitude pode ser considerada como simples expressão da personalidade de Manfredo de Oliveira.

Contudo, esta postura pode estar relacionada também com a especificidade da cultura brasileira ao lidar com a *alteridade*. Trata-se, pois, de um “sentimento do outro, isto é, de ver-se o outro em si” (Andrade, 1970, p. 141). Segundo Oswald de Andrade, no Brasil a relação com o outro é perpassada pela lógica da *antropofagia* na qual “só

me interessa o que não é meu” (Andrade, 1970, p.13). Ela também é comunhão que “traz em si a imanência do perigo e produz a solidariedade social que se define em alteridade” (Andrade, 1973, p. 143). Diferente da *polidez* característica da civilização europeia, a cultura brasileira seria detentora de uma *cordialidade* que se origina da cultura matriarcal dos povos originários. Esta cordialidade imprime no agir ético uma profunda empatia na qual prevalece um forte senso de comunidade. Em Oswald, o *cuidado* da filosofia heideggeriana seria um retorno a uma racionalidade matriarcal (Andrade, 1973, p. 144). O cuidado (*sorge*) é a estrutura fundamental do homem como ser no mundo de modo que a “temporalidade se manifesta como fundamento ontológico desta estrutura do ser homem” (Oliveira, 1974, p. 43). Ao ser apropriado pela filosofia de Manfredo de Oliveira, o cuidado *heideggeriano* se traduz na abertura para o mundo e se expressa de uma certa perspectiva. Isto é, reflete um lugar no tempo e no espaço que determina o seu *fazer filosófico*:

Se eu entendo a Filosofia como uma revisão radical da vida, ela tem compromisso com a vida e a minha vida não era na Alemanha, era aqui. Eu não poderia estudar uma filosofia descompromissada com a humanidade. E o homem com o qual eu estava comprometido era o homem das minhas raízes (Oliveira, 1994, p. 22).

Neste trecho, Manfredo de Oliveira desvela um princípio determinante de sua filosofia que está presente implicitamente. Não se trata de objetar o caráter essencialmente teórico do seu pensamento, mas de indicar o reconhecimento de que este lugar é o *nordeste brasileiro*. Este ponto de partida é determinante para muitos aspectos do seu pensamento. Um deles, como se pode notar, está diretamente relacionado com a essência da filosofia e do filósofo. Diante de uma realidade profundamente marcada pelas desigualdades sociais, o filósofo não pode assumir outra postura a não ser aquela de permanecer coerente com suas ideias e as suas práticas (Oliveira, 1994, p. 23). Não se trata, pois, de um pensamento patriarcal em que a teoria negligencia a realidade, mas de um pensamento matriarcal em que a abertura para o mundo ocorre a partir do *nordeste brasileiro*.

A radical revisão da vida que a filosofia propõe, para Manfredo de Oliveira, encontra o seu sentido mais profundo no compromisso com a transformação da sua própria realidade social. Ao refletir sobre os desafios de pensar a ética no final do século XX, ele argumenta que não se pode pensar sem considerar problemas atuais:

[...] como fica a nossa responsabilidade em relação à migração e ao asilo, hoje cada vez mais frequentes? Ou, em que medida somos responsáveis pelo empobrecimento do Terceiro Mundo? [...] Não tem a natureza também “direitos” ou ela se reduz como pensa a modernidade a ser uma matéria-prima de nossas intervenções? Como enfrentaremos hoje o problema do racismo, do sexismo ou o problema dos deficientes físicos e mentais? (Oliveira, 1995, p. 7-8).

Apenas um filósofo plenamente consciente do seu lugar no mundo e da função que a filosofia possui pode afirmar que: “Talvez seja muito pouco o que o filósofo tem a dizer, mas indispensável para abrir o horizonte de um discurso sensato sobre as questões que põem em jogo o sentido do próprio ser do homem no mundo” (Oliveira, 1995, p. 9). Neste caso, é importante notar o reconhecimento e a adoção do dever do filósofo de “assumir atitudes concretas dentro da vida” (Oliveira, 1994, p. 23). De tal modo, Manfredo de Oliveira refletiu sobre a realidade brasileira, tematizando a totalidade o seu sentido¹, tal como defendeu ser o método adequado em filosofia. O que implica, segundo ele, reconhecer a liberdade em três níveis.

O primeiro concerne ao reconhecimento de um *outro subalterno das classes oprimidas*: este outro é alienado da sua humanidade em vista da estrutura de exploração que sofre no sistema produtivo e goza de pouquíssimos direitos. O reconhecimento deste outro equivale a “suspensão da sua opressão e a reordenação dos fins da sociedade” (Oliveira, 1993a, p. 111). Esta estruturação é tão radical quando se trata do Brasil, especialmente ao se considerar que ele também produz um *outro regionalmente marginalizado*. O Nordeste padece de tal condição pois “funciona economicamente não em função da satisfação de suas próprias necessidades, mas como periferia dos grandes centros de produção do país” (Oliveira, 1993a, p. 111). Sendo urgente a supressão desta dependência, que numa escala global também ocorre num *outro internacionalmente dependente*, sendo o Brasil a periferia dos grandes blocos hegemônicos econômicos do mundo (Oliveira, 1993a, p. 112).

A tese de Manfredo de Oliveira em que define no Brasil a permanência de três tipos de alteridades em que a liberdade é de algum modo suprimida (*outro marginalizado, outro regionalmente marginalizado e outro internacionalmente dependente*) são, segundo o nosso entendimento, a expressão de uma racionalidade

¹ Segundo Felipe Bezerra de Castro Oliveira, em Manfredo de Oliveira a compreensão da totalidade da realidade emerge da relação sujeito-objeto, onde ambos são condicionados mutuamente. Consequentemente, conhecimento e sujeito humano possuem historicidade, e a visão de mundo é articulada sob uma perspectiva (Oliveira, 2020, p. 210).

anticolonial. Tal racionalidade apresenta um duplo aspecto da filosofia de Manfredo de Oliveira.

O primeiro é que se trata de um filósofo para o qual o seu contexto histórico e social é imprescindível para a sua atividade. O segundo, é que ele o faz rigorosamente por intermédio de uma linguagem que considera apropriada para a filosofia enquanto tal. Por isso, o próximo tópico avança nessa direção ao considerar as reflexões de Manfredo de Oliveira sobre a filosofia. E assim, avançamos para o segundo momento deste procedimento. Como o filósofo deve atuar num mundo em que a alienação da liberdade, da própria humanidade, é experimentada em diferentes níveis? Como o filósofo deve superar estas contradições e assumir o imperativo ético sugerido por Manfredo de Oliveira de assumir atitudes concretas no mundo da vida? Em vista de tal questionamento, Manfredo de Oliveira refletiu sobre o papel da própria filosofia no mundo contemporâneo.

Para ele, o filósofo deve assumir atitudes concretas diante da vida num mundo no qual o ser humano passou a ter a sua existência gravemente imbricada com a ciência e a técnica. Apesar do notável avanço científico, a racionalidade também acabou se tornando uma fonte de discordância (Oliveira, 2008, p.10-16). Se a razão pressupõe algum acordo, o filósofo se encontra numa situação desfavorável: “há algum lugar ainda para um saber responsável, que esteja além das ciências?” (Oliveira, 1989, p. 166). Tal questionamento se faz necessário por partir de uma forma de sociedade que determinou seu modo de vida com base na racionalidade científico-tecnológica, ou seja, que trata a natureza como um *outro desigual* porquanto ela é *dominada* em vez de *cuidada*. O desenvolvimento tecnológico e científico impactou na forma dos seres humanos pensarem, sentirem e agirem, e isto se reflete na pluralidade de opiniões e nas divergências éticas e políticas (Oliveira, 1989, p. 165-167).

A sociedade tecno-científica é regida pelos padrões de racionalidade das ciências naturais e das ciências especializadas, e assim, explica Manfredo de Oliveira, aquilo que é especificamente humano é desvalorizado diante da predominância desta forma de racionalidade (Oliveira, 2010, p. 39). O avanço nesta direção se revela nas diversas formas de dominação e nestas persiste a alienação do sentido e da liberdade. Por isso, a filosofia deve, no contexto de dominação da natureza e dos homens no capitalismo, buscar identificar as possibilidades de emancipação social e os seus

obstáculos (Oliveira, 2012, p. 207). Isto é possível porque ao homem é viável “abrir o espaço da história como o possível lugar de sua realização” (Oliveira, 1997, p. 9).

Logo, se o homem hoje sofre as consequências da lógica da dominação econômica e da racionalidade técnica, ele ainda tem a capacidade para alargar o seu horizonte. Em outras palavras, se por um lado a humanidade é afetada pelo individualismo e por práticas de consumo, ela também demonstra uma consciência ética em vista da dignidade humana (Oliveira, 1993a, p. 78). Com isso, torna-se necessário se contrapor a ideia de que razão está “a serviço da dominação sobre a natureza e sobre os homens, acarretando, assim, uma repressão cada vez mais intensa” (Oliveira, 1993a, p. 89). Esta repressão se encontra inclusive na natureza, que é tida como uma fonte de recursos em benefício único e exclusivo da humanidade. Por fim, trata-se de uma racionalidade que não é emancipadora, prevalecendo a lógica da dominação a partir da modernidade em que a “racionalidade tornou-se sinônimo de instrumentalização” (Oliveira, 1993a, p. 93). Manfredo identifica no horizonte de emancipação do homem e da natureza que, na atualidade, a lógica de dominação é contraposta pela consciência de que tudo que é no mundo possui relevância, isto é, valor (Oliveira, 1993a, p. 124).

Em Manfredo de Oliveira, nota-se uma contraposição da lógica de dominação, que se apresenta no âmbito econômico e técnico-científico. Na mesma linha, Kopenawa argumenta a partir da *sabedoria* do povo Yanomami ao afirmar que o meio-ambiente precisa ser cuidado, igualando a sua importância à da vida humana – que não é superior à natureza e, inclusive, depende dela: “Se a floresta estivesse morta, nós também estaríamos, tanto quanto ela!” (Kopenawa, 2010, p. 468). Para Kopenawa, o “povo da mercadoria” é este que age apenas em favor dos seus próprios interesses e não tem uma convivência com a natureza, reduzida ao lugar de exploração (Kopenawa, 2010, p.407). Engana-se a ciência ao considerar o homem como espécime individual e que considera os seus interesses singulares como se fossem valores éticos fundamentais (Oliveira, 1993a, p. 126). Deste modo, o filósofo deve se contrapor à tecnicização das relações humanas, fazendo da filosofia “uma palavra voltada para o encontro e o reconhecimento” (Oliveira, 1993b, p. 139).

Dessa maneira, é possível ver que na argumentação de Manfredo há uma busca pela emancipação ao criticar o vínculo de dominância do homem sobre o homem e sobre a vida, que se manifesta tanto na exploração econômica quanto na

objetificação da natureza pela racionalidade técnico-científica. Pois, conforme escreveu: “modernamente, o homem se contrapõe radicalmente ao cosmos considerando-o apenas instrumento de sua autorrealização” (Oliveira, 1989, p. 164). É possível identificar um ideal comum de humanidade no qual o homem não pode ser a única espécie que prevalece no mundo.

Assim, a sua filosofia se aproxima da sabedoria dos povos ancestrais. E talvez, por esta possibilidade de aproximação, a filosofia se distingue das ciências ao propor uma crítica radical tanto da racionalidade quanto da razão histórica. É a filosofia que é “a atividade espiritual que tem como tarefa mostrar a verdade da experiência. Ela se liga a todas as formas de experiência humana, científica ou pré-científica” (Oliveira, 1989, p. 162).

Para tanto, a prática da argumentação é imprescindível para o *fazer filosófico*. É ela que torna possível revelar o que é o ser humano na sua busca por respostas quanto a sua própria identidade e o seu lugar no mundo. O ser humano “é aberto a todo e qualquer estímulo, tudo pode ter significação para ele” (2012, p. 181). *Argumentar* é a prática fundamental do ser humano virtualmente ilimitada pois o homem “nomeia, conceitua, objetiva, distingue seus objetos em partes e elementos, os sintetiza e, dessa forma, se contrapõe a tudo, situando-se na esfera da universalidade” (Oliveira, 2012, p. 182). Em favor da esfera da universalidade, Manfredo de Oliveira recusa o perspectivismo da pós-modernidade, em que não há unidade interna e nem centralidade (Oliveira, 2012, p. 155).

Para Manfredo de Oliveira, a linguagem humana é uma instância universal em que os seres humanos se movem, podendo refletir de modo a gradativamente transitar da dimensão do particular para a totalidade: “o ser da subjetividade se revela coextensivo com o ser em seu todo, inserido no todo, determinado pelo todo” (Oliveira, 2012, p. 184). Na ausência de uma cultura universalista e a difusão do individualismo, prevalece o caráter unidimensional da ciência particular (Oliveira, 1989, p. 146). Em outras palavras, há uma precarização na forma do homem ver o mundo e pensar a sua forma de se relacionar com o *outro* e a *natureza*. Neste contexto, apenas a filosofia pode, através do seu modo de operar, que é essencialmente reflexivo, pensar em alternativas para que a técnica e a ciência possam ser humanizadas.

3 Considerações Finais

Enquanto pensador latino-americano, se destaca no pensamento de Manfredo de Oliveira uma preocupação com as condições políticas e sociais do Brasil e do Sul global. Neste sentido, este texto buscou reconhecer o caráter distintivo do seu pensamento, partindo da sua partida do Ceará para a Europa e ao retornar, destacando seu filosofar comprometido com a história do seu lugar de origem. Também ousamos identificar aspectos da filosofia de Manfredo de Oliveira que podem estar relacionados com a cultura brasileira, como a crítica à dominação como herança de uma racionalidade matriarcal, presente nos povos originários. Ao indicar os limites da racionalidade técnico-científica para pensar as problemáticas éticas e sociais que se apresentam no mundo contemporâneo, Manfredo de Oliveira alinha-se a uma busca por emancipação da lógica de dominação presente no capitalismo, de modo que sua filosofia se aproxima da sabedoria ancestral ao valorizar o cuidado e a socialização em contraposição ao mundo instrumental e individualista. A sua recusa do perspectivismo pós-moderno em favor da busca da universalidade reafirma a filosofia como uma disciplina fundamental para compreender as perplexidades atuais no contexto do sul global. Deste modo, buscamos apresentar que a filosofia de Manfredo de Oliveira não é descontextualizada, por se tratar de um filósofo que expressa uma racionalidade anticolonial ao criticar a razão instrumental e tratar da importância da natureza diante da exploração capitalista. E neste contexto, Manfredo de Oliveira convida os seus conterrâneos a filosofarem ao argumentar que a filosofia é para questionar a realidade, buscar a emancipação e humanizar a técnica e a ciência.

Referências

KOPENAWA, D. A. B. **A queda do céu** – Palavras de um xamã yanomami. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

OLIVEIRA, M. A. de. **A filosofia na crise da modernidade**. São Paulo: Loyola, 1989.

OLIVEIRA, M. A. de. **Antropologia filosófica contemporânea**. Subjetividade e Inversão Teórica. São Paulo: Paulus, 2012.

OLIVEIRA, F. B. de C. Critérios e componentes de uma teoria filosófica, segundo Manfredo Oliveira. **Occursus - Revista de Filosofia**, Fortaleza, v. 5, n. 1, p. 200–212, jan./jun. 2024.

OLIVEIRA, M. A. de. **Ética, direito e democracia**. São Paulo: Paulus, 2010.

OLIVEIRA, M. A. de. **Ética e práxis histórica**. São Paulo: Ática, 1995.

OLIVEIRA, M. A. de. **Ética e racionalidade moderna**. São Paulo: Loyola, 1993a.

OLIVEIRA, M. A. de. **Ética e sociabilidade**. São Paulo: Loyola, 1993b.

OLIVEIRA, M. A. de. Manfredo Oliveira prova que já é possível filosofar em Português. Entrevista concedida a Cláudia Monteiro, Ethel de Paula, Francineide Martins, Liana Farias e Marília Aguiar. **Revista Entrevista**, Fortaleza, p. 18-29, set./1994.